

## Projeto Nacional PHPB - Equipe Regional de Pernambuco

Século XIX- Editorial

Edição: GOMES, Valéria Severina

5

1. Modalidade: Língua Escrita.
2. Tipo de Texto: Editorial
3. Assunto: Editorial que trata da marcha da monarquia pessoal para a monarquia democrática, e desta para a república.
104. Data do documento: 01 de outubro de 1872.
5. Local de origem do documento: Brasil – Pernambuco - Recife.
6. Local de depósito do documento: Setor de Microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ)
7. Identificação do autor: autoria não indicada
158. Número de palavras: 1.557
9. Informações Levantadas: Editorial do jornal A Província nº 8, p. 1.
10. Editor do documento: GOMES, Valéria Severina. Editoriais – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Editoriais da segunda metade do século XIX - Editorial 47.)

20

### A PROVINCIA

Recife, 01 de outubro de 1872

25

Como na família, não cumprem os | seus deveres os pais, que não cogitam | no dia d'amanha, procurando, ler no | passado, e [ilegível] até dos erros | e revêzes do dia d'hoje, assim na poli-|tica não podem merecer e nem de | bens estadistas, de patriotas, aquelles | que não alargau suas vistas para | o futuro da patria, procurando, para | acautellal-o, 30aproveitar as lições do | passado, e tirar todo o partido do pre-|sente, qualquer que elle seja. || Se fazer o contrario disto é ser alta-|mente criminoso ainda quando o pre-|sente é de rosa, porque após a bo-|nança póde vir a tempestade, e tam-|bem na politica nunca serão louvados | os capitães que *não cuidaram*, o que | será quando o presente é carregado e | offerece margem a serias apprenhen-|sões? || O apostolado da imprensa liberal | não se 35limita, nem pode limitar-se, a | apontar os males do presente de decli-|nar as aspirações do futuro: o ponto | da questão, o que deve preocupar os politicos [ilegível] verdadeiramente ami-|gos do paiz, e o como e o quando da | transição. || É forçoso que o remedio se apli-| que, e a transição se faça por meio | que não abale o enfermo, perigando ou | demorando-se a seu restabelecimento. || Neste sentido já dissemos, que nós | os liberaes não devemos 40arrepender-|nos das nossas concessões e condescen-|dencias de até hoje perante a monar-| chia no Brazil; e o presente artigo | justifica a proposição. || Estamos mal, devemos procurar o | bem: mas como? || É contra a natureza das cousas | que as nações, como os individuos, va-|riem subitamente de regimen. || Por seculos sob a monarchia divina, | e ha cincoenta annos sob a monarchia | pessoal, como passariamos subitamen-|te a republica, tão fora dos 45nossos ha-|bitos, e com um partido de hontem? || Isto dizemos sem faltar ao respeito | as crenças dos liberaes republicanos: | mas todos hão de conceder-nos que | tenhamos a

coragem das nossas con-|vicções. || Foi uma desgraça, uma vergonha a | monarchia [ilegível] Foi; ninguém tem | hoje a triste audacia de negal-a. || Hemos sido mal succedidos na mo-|narchia representativa, porque temos | retrogradada até o poder pessoal, que | é a  
50 forma do absolutismo dos reis de | hoje, peor que o dos reis antigos por-|que é um absolutismo mascarado e o | outro não escondia a cara ... Confessa-|mos tudo isto.?? || Mas a consequencia de-|vera ser | - proclamar de subito um novo geri-|men para o qual não estamos prepara-|dos, pois da monarchia divina passa-|mos para o poder pessoal? || Não; respondemos com toda | força da nossa convicção: a transição | seria por demais violenta  
55 matar-nos-|hia no sentido em que se diz que um | povo pode morrer. || Se no mundo moral, como no mun-|do physico, tudo tem as suas grada-|ções, a marcha para nós, que temos | rarcada, como a nossa população, a ci-|vilização do paiz, a educação do povo, | que temos vivido sempre sob a mão | despótica do poder, a marcha para nós | deve ser – da monarchia pessoal para | a monarchia democrática, e desta a | seu tempo para a republica. || Só os  
60 Leopoldos abrem espaço fran-|co para a educação democraica: e os | novos, sempre generosos, quando os | Leopoldos apparecem, estacam e re-|pousam. || Se, pois, em futuro remoto o mundo | inteiro ha de ser dominado pela idéa | republicana (e ha de sel-o, que a repu-|blica e o idéal das formas de governo | d’aqui ate la sera sempre certo, que os povos devem levar em conta as suas | condições actuaes de vida. || Como do Capitolio á Torpéa,  
65 do ideal | á utopia só ha um passo. Liberado nas | regiões illuminadas da theoria, o ideal | encanta. Deixanmol-o onde está, que | esse *desejado das nações* ha de baixar | no seu dia e na sua hora. Deshonra-|lo-hemos, querendo precipitar esse dia | e essa hora; e se o fizermos, quando de sua montanha de luz celeste tiver | chegado ao valle illuminado apenas | pelos fogos fatuos das nossas precoces | aspirações, o ideal estará convertido | em utopia.  
70 É por castigos desse cri-|me de Prometheu, passaremos a andar | como certos peregrinos da meia-idade, dous passos para diante e um para traz, | isto é, teremos perturbado a marcha | grave e segura do progresso: a historia | ahi esta confirmando as nossas pala-|vras. || Concentremo-nos, estudemo-nos | procuremos a verdade do nosso futuro | na verdade do nosso passado: que so | com a verdade tem vencido e ha de | vencer a humanidade. || Se  
75 do grande passo que demos em | 1822 no caminho do futuro, só temos | recolhido em meio século amargas des-|ilussões, todos somos criminosos: o | rei não tem sabido cumprir a sua mis-|são, o povo não tem sabida chamal-o | ao cumprimento da sua missão. || Rei e povo – somos todos réos. || Uma politica franca e verdadeira, | em que se diga tudo ao rei e tudo ao | povo – eis qual deve ser a política li-|beral. || E não ha porque desanimar. || Se  
80 tivéssemos um rei como Carlos | I, o qual, no conceito de lord J. Rus-|sell, *era cheio de vãos preconceitos, tinha | talentos notaveis, era isento da mor | parte dos vicios, mas em politica era um menino mal-/criado, que se impacientava | a primeira contradição...* se temos um | rei com alguns destes defeitos [ilegível] | melhor que um rei assim há de desco-|brir-se de todo, logo que seja seriamen-|te atacado. || Se temos um povo, que recebe nas | brisas do  
85 seu paiz os effluvius magicos | da liberdade, e não tem sabido até ago-|ra levantar altares á deusa... tanto | melhor, que ao menos nunca terá fe-|necido nesse povo a predisposição para | levantar esses altares, e no sacrario | do coração desse povo deverão ferver | cada vez mais os enthusiasmos de | quem appetece de longos annos um | bem que jamais gozou. || Mas que tarefa tão delicada esta | para os liberaes que sabem dar preço | ao sangue e ao

90bem-/estar do filho do povo? || O que vemos? –Braços crusados por | toda a parte, e a  
procissão vergonhosa | do poder pessoal desfilando com esga-|res cynicos nos olhos do paiz  
aviltado. || O que deveos fazer? –Desepe-|rar, e ajoelhar? –Tormar o escudo e a | lança, e ir  
atirar luva á tenda ini-|cial? || Nem uma, nem outra cousa. || Doutrina, doutrina séria e  
verdadei-|ra, rude e severa como a verdadeira: e | depois do dia da doutrina, o dia da ac-|  
95ção se apresentará por si mesmo. || Quando uma dessas centelhas, que | ninguem sabe  
d’onde partem, vier to-|car os rastilhos das minas da indigna-|ção popular, então será  
chegado o dia | [ilegível] dos Balthozares, que tiverem | profannado os vasos sagrados da  
líber-|dade! Então será chegado o dia em | que os verdadeiros partidos lavem as mãos das  
desgraças da patria, mas | saiam a campo para disputam na [ilegível] | revolta o futuro da  
100pátria. O que tem | sido, o que hão de ser sempre as revo-|luções dos povos, senão  
explosões su-|bitas d’uma idea longamente doutri-|nada? || Por ora, tenhamos a  
longanimidade | do vencido, que não foi nem será con-|vencido: que os vencidos assim tem  
| verdadeiro aspcto de vencedores. || E no entanto, vamos fallando ao rei | e ao povo  
linguagem rude da verda-|de. || Ao rei, para que se lembre de que é | povo. || Ao povo que  
105se lembre de que | é rei. || Ao rei e ao povo para que cumpram | ambos o seu dever. || E  
seremos ouvidos, não o duvide-|mos: que não ha de embargar os echos | da nossa voz essa  
onda perenne de in-|censo, que no Brazil tem feito do tho-|no do rei de José Bonifacio, e de  
tan-|tos patriotas de então e d’antes, do | thrno do rei do Ypiranga, o altar de | um idolo.  
Também na China, diz o | historiador Cantu, ha uma verdadeira | idolaria politica do Estado  
110personfi-|cado no rei, o que não obstante é este | muita vez dominado em seu palacio por |  
mulheres e eunuchos. E porque o | idolo do Brazil não seria dominado | pela sobreana  
opinião? || Se temos idolos e idolatras, não le-|vamos isto em conta. As reis são ho-|mens.  
A verdade, pela bocca de um | povo que quer ser livre, e força incom-|paravelmente superior  
a das mulheres | e eumuchos da China. || Enunciado-se com esta franqueza | pela  
115manutatenção da monarchia no Brazil, a *Provincia* tem direito a ser | julgada sincera, nas  
estritas contas | que irá tomando ao poder pessoal. || Rei e povo estão no Brazil fora do |  
seu lugar: nem um num outro tem sa-|bido cumprir o seu dever. || A monarchia  
representativa deve ter | duas magestades: a do rei e a do povo. || A’s duas magestades  
fallaremos com | igual franqueza. || É esta, imposta pelo presente, a | politica, com a qual  
120poderemso abrir | em próximo futuro o templo da líber-|dade.|| A verdade a todos e para  
todos.

